

Eni de Mesquita Samara

Diretora do CEDHAL - Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina e professora associada do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH/USP

Gênero e construção do simbólico na literatura



O que poderia lhe dizer senhora, do segredo da natureza que eu descobri enquanto cozinhava?...

Lupércio Leonardo estava certo quando disse que é possível filosofar e preparar um jantar ao mesmo tempo. E eu ainda acrescentaria: se Aristóteles tivesse sabido cozinhar ainda teria escrito mais do que fez...

(Soror Inés de La Cruz, século XVIII)

Considerada inovadora para o seu tempo, Soror Inés de La Cruz, poetisa mexicana do século XVIII, foi extremamente hábil ao re-

criar papéis femininos a partir das rotinas diárias de suas vidas dando-lhes dimensão, força e importância na sociedade.

Sem o mesmo propósito, outros autores descreveram com riqueza de detalhes os papéis, comportamentos e virtudes entendidos como próprios da natureza e condição da mulher, enfatizando que a sua participação na família e na sociedade pautava-se por regras restritas e que deviam ser obedecidas.

A família contribuiu sobremaneira para a perpetuação desses valores, reproduzindo os ensinamentos prescritos na ordem estabelecida e tentando moldar o comportamento feminino de acordo com as atitudes que eram requeridas. Cumprin-

do essa missão, justificava dessa forma a obediência às hierarquias e o respeito à superioridade masculina.

Assim, a mulher aprendeu que a única autoridade que devia ser reconhecida era a do homem, e que ela devia servir, adorar, respeitar e obedecer ao seu marido. A sociedade, por sua vez, incumbia-se de legitimar e reproduzir essa ordem social baseada na subordinação feminina e nas diferenças de gênero, através da religião, da moral e do direito.¹

Entretanto, esse conjunto aparentemente harmônico, de funções distintas e complementares para homens e mulheres e de comportamentos rígidos e vigiados, nem sempre encontrou ressonância no estilo de vida dos habitantes. Especialmente em contextos de adversidades, as mulheres foram requisitadas para preencher outros papéis, distanciando-se dos modelos e comportamentos esperados.

Tal fato, também ocorre nas colônias do ultramar português a exemplo do que acontecia na América colonial espanhola. E sobre isso, Charles Boxer e James Lockhart chamam a atenção para a profusão de fontes documentais onde é possível resgatar a participação feminina e a sua importância no processo de colonização da América.² Mostram, também, que muitas vezes a rotina diária de suas vidas era quebrada, cedendo lugar a enfrentamentos e valentias.

Assim, no século XVI, na guerra com os mouros em cabo de Gué, quando do assédio inimigo, lutavam ombro a ombro

nas muralhas com os homens. E sobre isso, deixaram os cronistas da época relatos cheios de admiração. Quando necessário usavam também da força física em tarefas consideradas inexecutáveis pela sua própria natureza. Em 1533, no mesmo local, surpreendia ver

...uma mulher possante, grávida de seis meses, que chegou transportando às costas grandes pedras que dois homens mal podiam erguer. Ela manejava-as como se nada fosse. Pois nem essa hercúlea atividade evitou que três meses depois desse à luz uma criança normal. Em outra ocasião, quando Arzila parecia prestes a cair perante um furioso ataque dos mouros, o baixo moral da guarnição foi reanimado por uma das filhas do governador, mulher casada que estava então prenhe e com a barriga à boca de uma filha que logo pariu. Na companhia da mãe e das irmãs, envergonhou os soldados acovardados para que voltassem aos seus postos e empunhou uma besta com a qual atirou aos mouros.³

Outras mulheres não foram por certo nem tão valentes nem tão felizes no enfrentamento de obstáculos e dificuldades. Souberam, entretanto, desenvolver estratégias ditadas pelas necessidades de sobrevivência, chefiando famílias e envolvendo-se em negócios e atividades. Esposas queixosas, por sua vez, chegaram aos tribunais rebelando-se contra a autoridade e desmandos dos maridos. E quanto a isso, especificamente no Brasil, são

inúmeros os casos encontrados nos documentos históricos coevos e que servem para confrontar os mitos construídos ao longo do tempo.

Nas obras literárias, deparamos também com essa problemática, onde é possível entender melhor, a partir do fictício, atitudes e psicologia das mulheres, desde que se aceite a premissa de que toda literatura fornece símbolos, estereótipos, arquétipos e papéis que são extremamente úteis para testar o real.⁴

Sendo assim, situações vividas por personagens de romances, apesar de na maioria das vezes sujeitas ao olhar masculino, dão voz às mulheres, movimentando um cenário de muitas indagações e poucas respostas sobre o lado feminino da questão.

No início dos anos de 1970, esse viés surge em trabalhos sobre a América Latina, preocupados com uma problematização mais profunda na análise da condição feminina. Um bom exemplo, é a coletânea *Female and male in Latin America*, que tem por objetivo fundamental o exame dos papéis e atitudes em relação à mulher e o conflito entre imagem e realidade. Na parte I, "Images and realities of female life", são construídos os arquétipos literários a partir dos romances e das revistas, onde Jane S. Raquette, Cornélia B. Flora e Ann Pescatello se alternam na prática e no uso da literatura como fonte histórica.⁵

Para Pescatello, dedicada a estudar mudanças e continuidades que ocorrem na

história das brasileiras nos séculos XIX e XX, além do confronto entre imagem e realidade, há que se compreender o homem, que descreve a mulher através da sua própria bagagem cultural.⁶

Aceitando esse desafio é que pensamos esse trabalho, que busca resgatar e refletir sobre as imagens femininas encontradas na obra do Visconde de Taunay, *Manuscrito de uma mulher*. Publicada em 1872 e entendida na definição do próprio autor como um estudo de psicologia feminina e um retrato da vida fluminense no final do século XIX, o romance de costumes cumpre então, nesse caso, uma outra missão, ao ser analisado como documento histórico do seu tempo.⁷

OUVINDO VOZES FEMININAS, ATRAVÉS DA FALA MASCULINA

Capital do Império do Brasil, o Rio de Janeiro, no cenário urbano do século XIX, figurava como grande metrópole da época. Com população e arrecadação de renda numericamente superiores a todas as outras cidades do país, o município da Corte destacava-se como centro da vida política e da diplomacia nacionais.⁸

Seu estilo de vida alimentava-se das tendências européias, trazidas nos influxos portuários. Cidade marítima, não deixou de ser alvo dos viajantes que para cá se dirigiram nessa época. Como exemplo, podemos citar a descrição dos americanos Kidder e Fletcher que, em meados do século passado, diziam ser o Rio de Ja-

neiro "... a maior cidade da América do Sul, a terceira em tamanho do continente ocidental, a orgulhar-se de uma antiguidade maior que a de qualquer cidade dos Estados Unidos".⁹

Nesse próspero ambiente carioca do século XIX, a mais alta camada da sociedade encontrava-se nos inúmeros bailes patrocinados pela Corte. Desfilando nos salões ricamente decorados, discutiam e travavam pactos políticos, mexericavam sobre a vida alheia e resolviam questões do amor. Ponto de encontro da elite, era

no baile que as "meninas em idade de se casar" mostravam-se à sociedade, à procura de um pretendente.

É nesse ambiente festivo que Corina, personagem central do romance de Taunay, recorda seus 18 anos, início de um amargurado destino de desencontros.

Achando-se "casada e irremediavelmente infeliz", conta suas desventuras. Jovem, atraente, inteligente, ativa, circulava pelos salões, participando e desafiando as conversas masculinas. Crítica em suas posições, diferenciava-se, então, de suas



O maestro Francisco Manuel e suas enteadas, depois senhoras Pertence e viscondessa de Ourém. Tela de José Correia de Lima. Apud PINHO, Wanderley. Salões e damas do Segundo Reinado.

companheiras contemporâneas. Consciente de seu papel social, confrontava as possibilidades de vida que gostaria de ter. Seria Corina uma típica representante das aspirações das mulheres de sua época?

Leituras recentes do papel da mulher na sociedade brasileira revelam essa contradição.¹⁰ Mostram também que, embora a sujeição feminina tenha sido mais profunda que a masculina, a subordinação da mulher ao homem não constituiu o único princípio estruturador da sociedade brasileira.¹¹

Na própria cidade carioca, cenário deste romance, vozes femininas precoces indicam que as mulheres, muitas vezes, romperam o estatuto de um comportamento passivo imposto pela sociedade.¹² Tal constatação soma-se aos resultados de pesquisas de historiadores, sociólogos e antropólogos que discutem a validade de se recorrer aos estereótipos para caracterizar o perfil das mulheres, recurso freqüentemente utilizado no caso das latino-americanas.¹³ E a partir disso, é importante pensar em que medida a leitura de *Manuscrito de uma mulher* contribui para retratar a realidade da vida das mulheres brasileiras, no século XIX.

Como uma das poucas opções das moças brancas da elite, o casamento tinha função específica na sociedade brasileira do passado. No romance de Taunay, ele aparece no centro da trama, com sentidos e significados próprios da época. O pai de Corina, dirigindo-se à sua filha, exalta: "Creio que não quererás ficar solteirona.

Toda a moça deve casar-se; do contrário torna-se alheia ao movimento social e até à natureza, fica em posição difícil, e coisa pior ainda, assume foros de uma situação ridícula".¹⁴

No desenrolar do texto, o matrimônio adquire duas perspectivas distintas: uma que chamaremos de 'romântica ou idealizada', figurada no sonho de se casar com Otávio Jurema, moço sem muitos recursos financeiros, homem que amava Corina e por quem ela também se apaixonou; e outra 'concreta', realizada no casamento contratado, a partir de interesses puramente econômicos.

Outra vez, a fala do pai de Corina aparece transmitindo uma opinião comum para a época oitocentista, ao afirmar: "A vida, filha, é coisa muito positiva e não poderei sentir maior alegria do que te ver ao abrigo dos golpes da sorte e casada com quem tenha sólidos bens de fortuna". E, mais adiante:

Nasceste rica; tens vivido como tal, sempre no meio do luxo e da abundância: deves achar quem te proporcione condições de existência iguais às de agora, senão mais brilhantes... Se os meus cálculos não houvessem falhado, então adiaríamos essa necessidade de te casares, digo que adiaríamos a espera de alguém que te agradasse sem outro predicado mais do que haver prendido os teus olhares...¹⁵

O 'preconceito' de classe é evidenciado nas situações vividas pelas personagens de Taunay. O que mais o caracteriza, é a

frustrada união entre Otávio Jurema e Corina que, mesmo se amando, submeteram-se aos ditames sociais. Moça rica, de boa família, e moço de nível social inferior, que não podia dar-lhe o mesmo tipo de vida a que estava habituada, simbolizava uma ligação que não condizia com o esperado casamento entre "gente da mesma igualha", freqüente na sociedade portuguesa e também no Brasil.

Corina, em sua infelicidade, encarna, portanto, o cenário típico dos matrimônios do século XIX. Feito por acordos familiares, onde o amor era simplesmente des-

cartado, transformava-se em ato social de grande importância que tinha, como finalidade, preservar a fortuna, mantendo a linhagem e a pureza de sangue.¹⁶

Dando voz à Corina, Taunay coloca-se contrário ao casamento, do modo como ocorria na época. Caracterizando-o como "ponto culminante da vida de uma mulher", ela o exalta logo no início do romance:

Hoje que estou casada e irremediavelmente infeliz, escrevo estas páginas... Para mim não pode haver mais alegrias, esperanças, nem sonhos. Uma só



Costumes do Rio de Janeiro. João Maurício Rugendas. Viagem pitoresca através do Brasil.

palavra resume a minha imensa desgraça - casada - casada com um ente que por acaso encontrei e com quem a sina me ligou; casada e não com o homem para quem Deus me havia destinado... Verdadeiro joguete da sorte, fui vítima de combinações superiores às minhas forças.¹⁷

Como causador de grandes males à mulher, o casamento reaparece, inúmeras vezes, no decorrer da estória. A própria mãe de Corina aconselha sua filha, afirmando: "Olhe uma coisa, não se case nunca. É conselho que lhe dou. O melhor dos homens não vale a nossa independência".¹⁸ Inúmeras outras falas, de homens e mulheres, vão aos poucos no correr do romance compondo esse quadro de personagens que, muitas vezes, estão bem

próximas de situações concretas vividas nos casamentos do século XIX.

Nos documentos da época, a insatisfação das mulheres com a vida conjugal era freqüente e muitas delas, inconformadas, chegaram ao divórcio, fugindo do comportamento esperado, do convencional.¹⁹ Retrato de costumes, o romance não deixa assim de espelhar a sociedade. Tensões e conflitos entre homens e mulheres, no cotidiano e nos papéis sociais, ganham força no desenvolver do relacionamento entre os personagens.

Considerado superior, o homem tinha mais oportunidades sociais e direitos assegurados sobre a mulher. Assim, ini-



Um funcionário a passeio com sua família. Jean Baptiste Debret. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.

ciativa, poder de comando, inteligência, fluência e racionalidade eram características do sexo masculino. O feminino moldava-se pela delicadeza, submissão, sentimentalismo, limitação intelectual e vocação natural para ser mãe e esposa. Aparentemente consciente dessa situação, a nossa heroína não poupa críticas aos costumes e pensamentos da época.

Para ela, Amilcar, seu apaixonado pretendente, tinha um comportamento 'inconveniente', embora considerado natural nas falas masculinas. Decidida e corajosa não temia enfrentamentos com o sexo oposto e na sua visão ambos os sexos travavam entre si inúmeras batalhas na luta pela sobrevivência. E era exatamente isso que uma moça recém-exposta à socieda-

de teria que enfrentar. Após um desses "combates", Corina, referindo-se a Amilcar, exalta: "Para quem se iniciava na luta do mundo, não era mau começo bater tão decisivamente um dos mais temidos lidadores daqueles torneios...".²⁰

Combativa, Corina, por vezes, desafiava os estereótipos. No entanto, em outras circunstâncias, a heroína de Taunay mostrava-se relutante em assumir a cumplidade de comportamentos inusitados de outras mulheres. Certa vez, sabendo que sua amiga Cecília, moça sem muitos recursos e professora de piano, trabalhava para se sustentar, finge que não a conhece: "- Cecília Ramos, amiga minha? Exclamei. É falso, mal a conheço. - Oh! então ela mente. - Com certeza... o que é



Uma senhora brasileira em seu lar. Jean Baptiste Debret. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.

próprio de quem é feia. Estive, é certo, no mesmo colégio que ela; nada, porém, a autoriza a dizer mais do que isso".²¹

Temerosa, acaba por revelar pelas próprias atitudes que as relações entre as mulheres podiam ser marcadas pela vigilância. Assim, desvios de papéis e comportamentos eram considerados impróprios e criticados pela sociedade e disso não fogem as personagens que compõem essa estória.

É surpreendente, no entanto, que nesse romance a figura principal, Corina, fazia-se notar por outros atributos. Nos bailes, era o centro das atenções, por sua beleza e vivacidade. Em casa, espiava os maus hábitos do pai. No amor, confessava-se apaixonada à pessoa amada. Quem seria realmente Corina? Uma donzela comum do seu tempo transformada por Taunay em uma mulher de comportamento fora do usual? Intempestiva algumas vezes, outras hesitante, Corina reflete um momento de mudanças onde havia que se ter coragem para assumir e recuar. Que perfil é esse de mulher, que o autor busca retratar?

É apenas nas conversas femininas que Taunay dá espaço para aflorarem os sonhos e sentimentos das mulheres, sem restrições. Nesses devaneios, dão asas às suas emoções. É exatamente isso que faz Júlia ao aconselhar sua amiga Corina:

... se você tem inclinação por alguém, de modo algum consinta no seu sacrifício... não se deixe levar... nem pelo juízo dos outros, nem pela fascinação

do momento ou por idéias de sã razão... O coração é um órgão que sabe vingarse cruelmente de quem o contraria... Não há Apolos, nem Adonis, cobertos de ouro, que valham aquele que ele escolheu...²²

Isso, na realidade, pouco se concretiza no desenrolar da trama.

Dobrando-se aos desejos da família, a união entre Corina e Otávio Jurema não se realiza e ela abdica ao destino natural de seu coração. Casa-se por conveniência com o filho de um fazendeiro do interior paulista. Solução infeliz, mas comum nessa época.

Acusadas de caprichosas e de pouco confiáveis, as mulheres em Taunay eram, no entanto, muitas vezes racionais na resolução de problemas. Corina, apesar de pouco experiente, mostrava-se forte e consciente ao encarar as terríveis cenas de bebedeira e jogatina de seu pai. Em outros momentos assumia comportamentos típicos do 'sexo frágil' o que nos leva a compor em uma só personagem diferentes perfis de mulheres.

Ao final desse percurso, essa constatação nos leva a repensar o que teria levado Taunay a criar Corina como uma mulher fora dos padrões? Talvez, mostrar a difícil conciliação entre amor e casamento, ou entre vida planejada com sentimento e a frustrada realidade cotidiana? Criticar a instituição do casamento tal como era no século XIX? Desmascarar os acordos tramados pela burguesia carioca? As difíceis relações entre os sexos? Espelhar

a posição da mulher brasileira?

Qualquer que tenha sido sua razão básica, o mais importante é que Taunay, nesse romance, procurou construir uma imagem diferente de mulher, que talvez já despontasse como realidade no final do século passado, mas que ainda era abafada pela sociedade da época. Ou será que essa contradição existe apenas pelo fato de Taunay emprestar sua voz a Corina?

Como se pode perceber, são muitas as questões que entrecruzam os campos do simbólico e do real. E a sua compreensão exige o entendimento da atmosfera intelectual do século XIX e das mudanças que ocorriam na sociedade brasileira nessa época. Em decorrência, personagens literárias e tipos sociais 'concretos' devem ser pensados a partir desse prisma. Mes-

sa perspectiva, *Manuscrito de uma mulher*, apesar de pertencer à ficção, é revelador do 'real' por descortinar as várias imagens da mulher brasileira numa sociedade exposta ao processo de modernização. E sendo assim, por que não entendê-lo, também, como depoimento e retrato de seu tempo, dando força e dimensão histórica às suas personagens?

Uma primeira versão desse artigo foi escrita em co-autoria com Eliane Cristina Lopes e publicada na Revista Travessia, Mulher Século XIX. A atual versão foi integralmente revista e tem nova redação, constando como epílogo da nossa tese de livre-docência *Feminismo, cidadania e trabalho: o Brasil e o contexto latino-americano nos séculos XVIII e XIX*, defendida na Universidade de São Paulo, em dezembro de 1994.

N O T A S

1. RAMOS, Carmen (org.). *Presencia y transparencia: la mujer en la historia de Mexico*. Mexico: El Colegio de Mexico, 1987, p. 29 e seguintes.
2. BOXER, C.R.A. *A mulher na expansão ultramarina ibérica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1975 e LOCKHART, James. *Spanish Peru, 1532-1560*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1968.
3. BOXER, C.R.A., op. cit., pp. 16 e 17.

4. Ver PESCATELLO, Ann (ed.). *Female and male in Latin America*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1973.
5. Idem, ibidem.
6. Idem, ibidem.
7. TAUNAY, Visconde de. *Manuscrito de uma mulher*. São Paulo: Ed. Cia. Melhoramentos, 1872. Alfredo d'Escragnole Taunay nasceu no Rio de Janeiro, a 22 de fevereiro de 1843, e faleceu na mesma cidade, a 25 de janeiro de 1899. Bacharelado em Letras pelo Colégio Pedro II, em 1848, formou-se em ciências físicas e matemáticas pela Escola Militar. Após a Guerra do Paraguai, dedicou-se ao magistério e à política, exercendo os cargos de deputado e senador pelo Partido Conservador, assim como presidente das províncias de Santa Catarina e Paraná. Deixou inúmeras obras e dentre elas podemos citar: *La retraite de Laguna* (1871); *A mocidade de Trajano* (1871); *Inocência* (1892); *Lágrimas do coração/Manuscrito de uma mulher* (1889); *O encilhamento* (1894). Apud. MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 12ª. ed., São Paulo: Cultrix, 1987, p. 194.
8. De acordo com o Censo de 1872, o Rio de Janeiro possuía 274.972 habitantes em contraste com Salvador 129.109; Recife 116.671 e São Paulo com 31.385 moradores. A arrecadação geral da renda carioca girava em torno dos 71.856:826\$, no período de 1879-1880; 77.853:875\$, entre 1880-1881 e 78.549:491\$, em 1881-1882.
9. KIDDER, D.P. e FLETCHER, J.C. *O Brasil e os brasileiros*. São Paulo: Nacional, 1941, p. 11.
10. SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família - São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
11. SAFIOTTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1988.
12. BERNARDES, Maria Thereza Caiuby C. *Mulher de ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T.A. Queiróz, 1988.
13. METCALF, Alida. "Mulheres e propriedades: filhas, esposas e viúvas em Santana de Parnaíba no século XVIII". In: *Revista da SBPH*. São Paulo: n.5, 1989/90.
14. TAUNAY, Visconde de, op. cit., p. 142.
15. Idem, ibidem, pp. 141 e 142.
16. SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 67-81.
17. TAUNAY, Visconde de, op. cit., p. 7.

18. Idem, ibidem, p. 47.

19. SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*, op. cit., pp. 42 e 44.

20. TAUNAY, Visconde de, op. cit., p. 36.

21. Idem, ibidem, p. 61.

22. Idem, ibidem, p. 108.

A B S T R A C T

This article is directed to analysing gender relationships and marriage in Rio de Janeiro, during the 19th century. Literature is the basic documentary part, being utilized and understood from the premise that it provides symbols, stereotypes, archetypes and roles, which are extremely useful to test 'reality'.

R É S U M É

Le but de cet article est d'analyser les rapports de genre et le mariage à Rio de Janeiro, pendant le XIX^e Siècle. La littérature est le document de base, utilisée et entendue à partir de la prémisses qu'elle fournit des symboles, stéréotypes, archétypes et rôles qui sont extrêmement utiles pour tester le "réel".